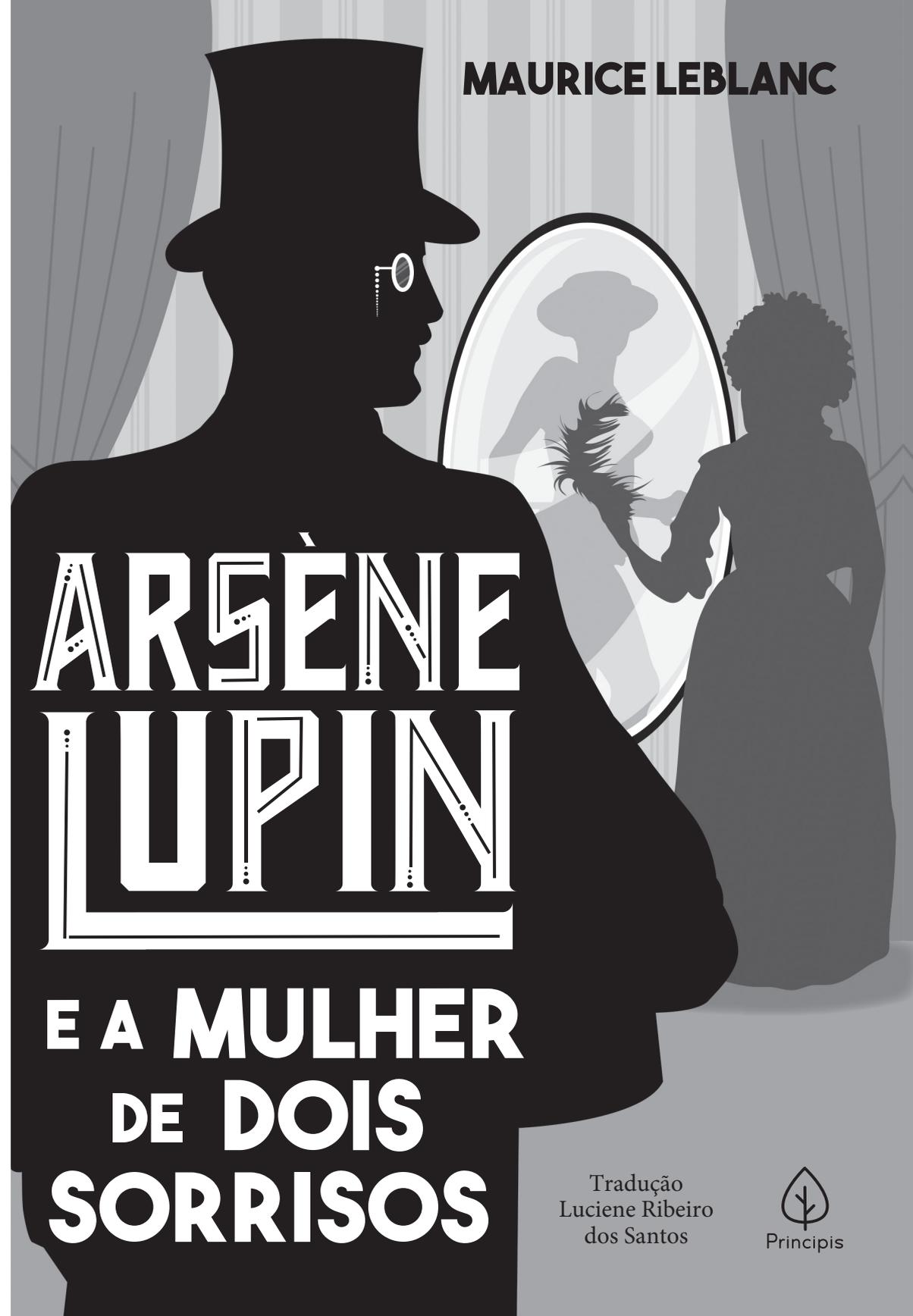


ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**E A MULHER
DE DOIS
SORRISOS**

Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La Femme aux deux sourires

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Tuca Dantas

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
galinakistruga/shutterstock.com;
Orfeev/shutterstock.com

Revisão
Agnaldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M425a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a mulher de dois sorrisos / Maurice Leblanc ; traduzido
por Luciene Ribeiro dos Santos. – Jandira, SP : Principis, 2021.
224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)

Tradução de: La Femme aux deux sourires
ISBN: 978-65-5552-552-6

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Santos, Luciene Ribeiro dos.
II. Título. III. Série.

2021-2229

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

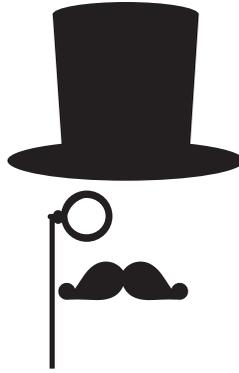
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Prólogo – O estranho ferimento.....	7
Clara, a Loura.....	14
O cavalheiro do mezanino	20
O cavalheiro do primeiro andar	29
Um roubo na noite	41
Primeiro embate	51
Castelo à venda	58
Um estranho colaborador	67
Em busca do Grande Paul	78
O Bar dos Lagostins	86
O Cassino Azul	95
Os dois sorrisos.....	107
A emboscada.....	118
Rivalidade	126
O assassinato	138
Zozotte	147
Angústia.....	156
Os dois sorrisos se explicam	162
Gorgeret perde a cabeça	174
Austerlitz? Waterloo?	185
Raoul entra em cena.....	194
O crime de Perseu	206



PRÓLOGO

O ESTRANHO FERIMENTO

O drama, com as circunstâncias que o antecederam e as suas reviravoltas, pode ser resumido em poucas páginas, sem correremos o risco de deixar nas sombras o menor episódio que deva ser levado em conta para se chegar à verdade inacessível.

Tudo aconteceu da maneira mais natural possível. Não houve nenhuma premonição do mal, nem percepções sutis do choque que estava por vir. Nenhum sopro de vento havia anunciado a tempestade. Nenhuma angústia. Nenhuma só desconfiança no seio daqueles que foram os espectadores assustados desse fato tão trivial, mas tão trágico pelo mistério impenetrável que o envolveu.

Eis os fatos: o senhor e a senhora de Jouvelle, bem como os convidados que recebiam em seu castelo de Volnic, no Auvergne – um vasto casarão com torres, coberto com azulejos vermelhos –, tinham assistido a um concerto da admirável cantora Elisabeth Hornain, em Vichy. No dia seguinte, 13 de agosto, a convite da senhora de Jouvelle (que tinha

conhecido Elisabeth antes de seu divórcio do banqueiro Hornain), a cantora veio almoçar com eles, estando o castelo a apenas uma dúzia de quilômetros de Vichy.

Foi um almoço muito alegre. Os senhores sabiam trazer em suas boas-vindas aquela graça e delicadeza que dão alívio a cada um dos convidados. Esses, em número de oito, confraternizavam com alegria e animação. Havia três jovens casais, um general aposentado e o marquês Jean de Erlemont, um cavalheiro de cerca de quarenta anos, a cujo encanto e sedução nenhuma mulher era capaz de resistir.

Mas a homenagem dessas dez pessoas, seu esforço para agradar e brilhar, eram dirigidos a Elisabeth Hornain, e nenhuma palavra era pronunciada em sua presença sem que tivesse motivo para fazê-la sorrir ou atrair seu olhar. Ela, no entanto, não se esforçava para agradar ou para brilhar. Ela pronunciava apenas algumas frases, nas quais havia bom senso e delicadeza, mas nenhuma inteligência ou vivacidade. E havia necessidade? Ela era linda. Sua beleza ofuscava a tudo. Se ela dissesse as coisas mais profundas, elas se perderiam no brilho de sua beleza. Diante dela, não se podia pensar em mais nada: apenas nos seus olhos azuis, nos seus lábios sensuais, no brilho de sua pele, no formato de seu rosto. Mesmo no teatro, apesar de sua voz poderosa e de seu verdadeiro talento como cantora de ópera, ela fazia sucesso principalmente por ser bela.

Ela sempre usava vestidos muito simples, o que também não seria notado se fossem mais elegantes, pois só se pensava na graça de seu corpo, na harmonia de seus gestos e no esplendor de seus ombros. Sobre seu corpete fluíam colares maravilhosos, que se entrelaçavam em uma deslumbrante desordem de rubis, esmeraldas e diamantes. Se alguém a elogiava, ela reprimia a admiração com um sorriso:

- Joias do teatro... Mas devo admitir que são imitações perfeitas.
- Eu poderia jurar... - diziam eles.

Ela respondia:

- Eu também... E todos se deixam enganar por elas...

Após o almoço, o marquês de Erlemont agiu de uma tal forma que conseguiu mantê-la afastada e falar com ela a sós. Ela o ouvia com interesse e um certo ar de devaneio.

Os outros hóspedes formaram um grupo em torno da dona da casa, que parecia estar aborrecida com esse afastamento.

– Ele está perdendo tempo – murmurou ela. – Eu conheço Elisabeth há anos. Nenhuma esperança para os amantes. Ela é como uma estátua, linda e indiferente. Vá em frente, meu rapaz, pode fazer sua pequena comédia e lançar mão de seus melhores truques... Não há o que fazer.

Todos estavam sentados no terraço, à sombra do castelo. Um jardim sem flores se estendia a seus pés, com suas linhas retas, seus gramados verdes, seus caminhos de areia amarela, seus canteiros plantados com árvores de teixo podadas. Ao final, as ruínas que restavam do velho castelo, das torres, do moinho e da capela, dispostas sobre os montes, onde caminhos subiam pela mata de louro, buxos e azevinho.

O lugar era majestoso e poderoso, e o espetáculo tomava ainda mais força quando se sabia que, além dessas prodigiosas ruínas, havia o vazio de um precipício. O lado oposto caía acentuadamente sobre uma ravina que circundava a propriedade, e na cavidade da qual bramiam, a uma profundidade de cinquenta metros, as águas de uma torrente furiosa.

– Que cenário! – exclamou Elisabeth Hornain. – Quando penso no nosso cenário pintado! Na tela, com suas paredes trêmulas, e na tapeçaria de árvores artificiais! Seria maravilhoso atuar em cenários como este!

– Quem a impediria de cantar aqui, Elisabeth? – indagou a senhora de Jouvelle.

– A minha voz se perderia nesta imensidão.

– Não a sua voz – protestou Jean de Erlemont. – E seria tão bonito! Dê-nos esse privilégio...

Ela ria, procurava desculpas e se debatia em meio a todas as pessoas que insistiam e imploravam ao seu redor.

– Não, não... – disse ela. – Eu nunca deveria ter sugerido tal coisa... Seria ridículo... um pigmeu levantando sua voz!

Mas sua resistência diminuía. O marquês tinha agarrado sua mão e tentava arrastá-la.

– Venha... Eu lhe mostrarei o caminho... Venha... Isso nos daria tanto prazer!

Ela hesitou novamente, mas depois disse, finalmente convencida:

– Que seja. Acompanhem-me até o pé das ruínas.

Subitamente decidida, ela atravessou o jardim, com aquele andar fácil e bem ritmado que possuía no palco. Além dos gramados, ela subiu cinco degraus de pedra que a levaram ao terraço, em frente ao castelo. Outros degraus se ofereciam, mais estreitos, com uma rampa onde se alternavam potes de gerânios e antigos vasos de pedra. Uma alameda de louros estendia-se à esquerda. Ela entrou, seguida pelo marquês, e desapareceu atrás da cortina de arbustos.

Um momento depois, ela pôde ser vista novamente, desta vez sozinha, escalando os degraus mais íngremes, enquanto Jean de Erlemont refez seu caminho até o jardim. Finalmente ela apareceu outra vez, ainda mais acima, em uma plataforma onde se encontravam os três arcos góticos da capela arruinada, e uma cortina de hera que velava o espaço vazio.

Ela parou. De pé sobre um monte, que era como um pedestal, parecia muito alta, com proporções sobre-humanas; e, quando estendeu seus braços e começou a cantar, seu gesto e sua voz pareciam preencher o vasto teatro natural de folhagem e granito, coberto pelo céu azul.

O senhor e a senhora de Jouvelle e seus convidados ouviam e observavam com os rostos contritos, e com aquela impressão que sentimos quando as lembranças se formam no fundo de nós, que sabemos que nunca serão esquecidas. Os funcionários do *château*, o pessoal da fazenda que se encontrava junto aos muros da propriedade, e uma dúzia

de camponeses da aldeia vizinha, se agrupavam em todos os portões, e em todos os cantos do terreno, e cada um podia sentir toda a beleza mágica daquele momento.

Nem uma alma poderia discernir o que Elisabeth Hornain estava cantando. Sua voz subia e caía em notas sonoras, ora respirando de tragédia, ora cheias de vida e esperança. E, de repente...

É preciso lembrar que tudo estava ocorrendo com absoluta segurança, e que não havia razão, humanamente possível, para que tudo isso não chegasse a uma conclusão serena. O que se seguiu foi repentino, inesperado. Quaisquer que fossem as diferentes impressões nas diversas mentes dos espectadores, todos estavam de acordo – como testemunharam mais tarde – de que o fato ocorreu como uma repentina explosão, totalmente imprevisível (a mesma expressão foi repetida nos depoimentos).

Sim, de repente, houve uma catástrofe. A voz mágica se interrompeu, abruptamente. A estátua viva, que ali cantava no espaço fechado, vacilou em seu pedestal de ruínas e de repente desabou, sem um grito, sem um gesto de medo, sem um movimento de defesa ou angústia. Imediatamente, irrevogavelmente, todos tiveram a convicção de que não houve luta ou agonia, e que não se tratava de uma mulher que estava morrendo, mas de uma mulher que a morte havia atingido desde o primeiro segundo.

De fato, quando chegaram à esplanada superior, Elisabeth Hornain jazia, inerte e lívida... Congestão? Ataque cardíaco? Não. O sangue corria, profusamente, de seus ombros nus e de sua garganta.

Todos viram imediatamente o sangue bem vermelho, que jorrava. E ao mesmo tempo em que constataram esse fato incompreensível, alguém disse com um grito de espanto:

– As joias desapareceram!

Seria tedioso recordar os detalhes dessa investigação, que na época se tornou uma febre nacional. Investigação inútil, aliás, e rapidamente concluída. Os magistrados e policiais que a conduziram, desde o início, se depararam com uma porta fechada, contra a qual todos os esforços foram em vão. Todos tiveram a profunda impressão de que não havia nada a ser feito. Um crime, um roubo. Isso era tudo.

Pois o crime era indiscutível. Não foi encontrada nenhuma arma, nenhum projétil, nenhum assassino. Mas quanto a negar o crime, ninguém pensou no assunto. Das quarenta e duas pessoas presentes, cinco disseram ter visto um brilho em algum lugar, embora as cinco declarações não concordassem quanto à localização e direção do brilho. Os outros trinta e sete não tinham visto nada. Da mesma forma, três pessoas afirmaram ter ouvido o ruído de um disparo, enquanto as outras trinta e nove disseram não ter ouvido nada.

De qualquer forma, a consumação do crime estava fora de discussão, pois tinha havido um ferimento. Um ferimento terrível, assustador; um talho no alto do ombro esquerdo, logo abaixo do pescoço, feito por uma bala monstruosa. Uma bala? Mas o assassino teria que estar empoleirado nas ruínas, em um local mais elevado que a cantora, e essa bala teria penetrado profundamente na carne e causado devastação interna, o que não aconteceu.

Parecia que a ferida, da qual o sangue se derramava, havia sido feita por um instrumento contundente, como um martelo ou um bastão. Mas quem teria empunhado o martelo ou o bastão, e como poderia tal gesto ter permanecido invisível?

E, por outro lado, o que houve com os colares? Se tinha ocorrido um crime e um roubo, quem teria cometido ambos? E que milagre tinha permitido ao agressor escapar, se alguns dos criados, postados nas janelas do último andar, não tinham tirado os olhos da cantora, da esplanada onde ela cantava, do corpo que caía, do cadáver que jazia no chão? E como todas essas pessoas teriam visto, sem dúvida, as idas e

vindas de um homem, seu voo entre os arbustos, sua fuga frenética... Se, atrás do terreno, as ruínas mergulhavam em um penhasco íngreme que era materialmente impossível de subir ou descer?

Estaria ele debaixo da hera, ou em algum buraco? As buscas prosseguiram por duas semanas. O jovem policial Gorgeret, ambicioso e tenaz, que já havia sido bem-sucedido em alguns casos, foi chamado a vir de Paris. Foi uma perda de tempo. As investigações foram infrutíferas. O caso foi encerrado, para grande aborrecimento de Gorgeret, que prometeu a si mesmo nunca o abandonar.

Assustados com esse drama, o senhor e a senhora de Jouvelle deixaram Volnic, anunciando sua intenção formal de nunca mais voltar. O castelo foi posto à venda, totalmente mobiliado, tal como estava.

Alguém o comprou, seis meses depois. Ninguém sabia quem era, pois o tabelião, Mestre Audigat, havia negociado a venda em grande segredo.

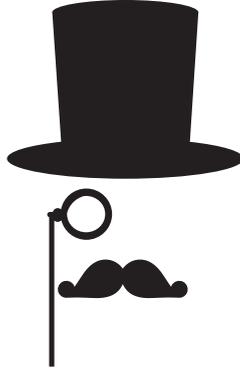
Todos os criados, peões da fazenda e jardineiros foram dispensados. Somente a grande torre, sob a qual passava o arco, permaneceu habitada por um idoso que tomava conta da propriedade, com sua esposa: o senhor Lebardon, um ex-policial aposentado.

O povo da aldeia tentava em vão fazê-lo falar, mas toda curiosidade era frustrada. Ele mantinha um obstinado silêncio. No máximo, notava-se que, em várias ocasiões, talvez uma vez por ano, e em momentos diferentes, um cavalheiro chegava à noite de automóvel, dormia no castelo, e ia embora na noite seguinte. Era o proprietário, sem dúvida, que vinha conversar com Lebardon. Mas não havia certeza. Não se sabia mais nada.

Onze anos mais tarde, o policial Lebardon faleceu.

Sua esposa permaneceu sozinha na torre. Tão quieta quanto seu marido, ela não dizia nada sobre o que acontecia no castelo. O que acontecia lá dentro?

E mais quatro anos se passaram.



CLARA, A LOURA

Estação de Saint-Lazare. Entre as barreiras da plataforma e o grande salão de vendas de passagens, um fluxo frenético de passageiros ia e vinha, em uma intrincada confusão de chegadas e partidas, correndo precipitadamente pelas portas e corredores. Relógios de sinalização, munidos de ponteiros imóveis, indicavam os horários e os destinos dos trens. Cobradores verificavam e perfuravam os bilhetes.

Dois homens, que não pareciam participar dessa pressa febril, passeavam entre os grupos. Um, gordo e musculoso, com rosto antipático e expressão dura; o outro, frágil e magro; ambos tinham bigodes e usavam chapéus-coco.

Eles pararam diante de um relógio que não sinalizava nada, onde quatro funcionários estavam atendendo. O mais magro dos dois homens aproximou-se e perguntou, educadamente:

– A que horas chega o trem das quinze e quarenta e sete?

O funcionário respondeu, em tom de resmungo:

– Às quinze e quarenta e sete.

O homem gordo encolheu os ombros, como se lamentasse a estupidez de seu companheiro; e, por sua vez, perguntou:

– Esse é o trem que vem de Lisieux, não é?

– O trem 368, de fato – foi a resposta. – Estará aqui em dez minutos.

– Sem atraso?

– Sem atraso.

Os dois transeuntes afastaram-se e encostaram-se em um pilar.

Passaram-se três, quatro, cinco minutos.

– Isso é irritante! – disse o homem gordo. – Não estou vendo o sujeito que nos enviaram da central de polícia.

– Então você precisa dele?

– Por Deus! Se ele não trouxer o mandado, como vamos abordar a viajante?

– Talvez ele esteja nos procurando. Talvez ele não nos conheça.

– Idiota! Que ele não lhe conheça, Flamant, é natural... Mas eu, Gorgeret, inspetor-chefe Gorgeret, que, desde o caso do castelo de Volnic, estou sempre em evidência!

O homem chamado Flamant, ofendido, insinuou:

– O caso do castelo de Volnic é antigo. Quinze anos!

– E quanto ao roubo na Rua Saint-Honoré? E a armadilha onde eu prendi o Grande Paul, por acaso isso remonta às Cruzadas? Não faz nem dois meses!

– Você o pegou... Você o pegou... Mas ele ainda está por aí, o Grande Paul...

– Mas eu me saí tão bem, que sou eu quem está sendo chamado novamente. Aqui, veja se a ordem de serviço não menciona o meu nome?

Ele tirou um papel de sua carteira, desdobrou-o e eles leram juntos.

Central de Polícia

4 de junho.

Ordem de serviço (Urgente)

A amante do Grande Paul, conhecida como Clara Loura, foi vista no trem 368, chegando de Lisieux às 15h47. Enviar imediatamente